

NATAL “TRAVEIS”

*** Roberto Rodrigues**

E chegamos de novo em dezembro, mês diferente de todos os demais por várias razões, as boas e as chatas: empresas e instituições encerram seus exercícios civis com infundáveis reuniões de balanço e de análise de perspectivas. Neste ano, as perguntas são mais completas do que o normal devido à crise de confiança no governo instalada no país. Investidores questionam os cenários futuros em dúvida sobre o que fazer. E as diferentes militâncias agitam as ruas das grandes cidades produzindo ainda mais incerteza quanto a 2015 e adiante, radicalizando posições e criando ódios desnecessários e perigosos entre distintos segmentos sociais.

Neste ambiente turvo, com agressivas acusações de corrupção e/ou incompetência entre governo e oposição, com o câmbio volátil como nunca, assim como os preços das commodities, todos temos que cumprir velhas e tradicionais obrigações. É tempo de comprar presentes sem esquecer ninguém (e é claro que esquecemos) -, de mandar cartão com mensagens alegres e demonstração de boa vontade com fé e esperança no futuro para pessoas que nunca mais encontramos e nem sabemos o que pensam da situação; de combinar o amigo secreto com a turma do trabalho; de definir o lugar da ceia de natal com a família - cada qual com seus interesses legítimos -, e também o do réveillon... Só obrigações decididas pela história passada à qual estamos amarrados.

E ainda tem as promessas para o ano que vem: emagrecer, cuidar da saúde, dedicar-se mais aos familiares e amigos - único valor real da vida - tirar umas feriazinhas, diminuir o ritmo de atividades, refazer relações perdidas, economizar e poupar, e tudo o mais. Em geral se cumpre bem menos de um terço dos compromissos assumidos nessa hora da catarse universal, mas sempre é um avanço.

E depois de toda a correria para fechar os balanços, chega o natal. E toca comer coisas diferentes, às vezes sem prazer, mas é natal, tem que comer coisas diferentes...

Aí o olhar do agricultor se irrita um pouco com o cardápio obrigatório. Afinal, importamos nozes, avelãs, amêndoas e a fundamental castanha portuguesa, todos pratos típicos natalinos. E pior, importamos quase 100% da uva passa, das tâmaras, damascos, figos secos (figo branco turco) que devoramos.

Claro que o natal deve ser celebrado, especialmente pelos cristãos, com solene reverência religiosa. Claro que é uma oportunidade de esquecer - ainda que por curto tempo, as idiosincrasias pessoais, as diferenças entre familiares, as rugas que deixaram cicatrizes: é tempo de conagração, da paz e da harmonia indispensáveis à felicidade humana. Claro que é um prazer presentear pessoas queridas e ser por elas lembrado nesta hora, claro que os espíritos devem ser desarmados para que impere a alegria, mesmo que fortuita.

Mas não é preciso comer estas coisas importadas. Temos aqui a castanha de caju, a castanha do Pará (hoje chamada de castanha do Brasil), temos a macadâmia, a pecã e a castanha de baru do cerrado.

Até maçã importamos, bem como algumas variedades de uva. Estamos importando água de coco da Tailândia e das Filipinas.

Bom, já que é tempo de promessa, devemos - os produtores rurais brasileiros e os governos estaduais e federal - promover um grande programa para produção de frutas no país. Aqui se pode produzir quase tudo que vem de fora, alternativas tão saborosas quanto.

Chegará logo o natal em que consumiremos primordialmente as frutas e guloseimas produzidas aqui.

Boas Festas a todos.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da
FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura
(SNA)**